

PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DIANTE DA MORTE DOS PACIENTES EM SEUS CUIDADOS: ALTERNATIVAS DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA

Jaqueline de Freitas Ribeiro¹

Marianna Carla Maia Dantas de Lucena²

RESUMO

Este artigo trata-se sobre as concepções dos profissionais diante da morte de seus pacientes e possíveis estratégias de intervenção psicológica para estes profissionais. A morte é um tema que envolve um conjunto de aspectos e que cada pessoa possui uma concepção ou uma forma simbólica de entendê-la, muitos não compreendem que é um fato que faz parte do desenvolvimento humano, assim ocasionando para algumas pessoas um risco a interpretações e sentimentos negativos e, conseqüentemente afetando aqueles que trabalham no hospital que convive cotidianamente com a morte de seus pacientes ao seu cuidado. O objetivo primordial é verificar alternativas de assistência psicológica disponíveis para essa demanda em profissionais da área de saúde. Pois nota-se que infelizmente ocorre ausência de subsídio para esses sujeitos expostos ao acontecimento do fenômeno da vida. Este trabalho ocorre através de um levantamento bibliográfico sobre o tema, utilizando-se de materiais, os artigos, livros e teses, das bases de dados virtuais SCIELO, PEPSIC, LILACS, PsicoDoc e PsycINFO. Como resultado foi possível identificar a importância e necessidade dos ambientes hospitalares de oferecerem um espaço e/ou apoio psicológico aos funcionários, no qual junto com o psicólogo trabalharem juntos a questão da estrutura emocional deste profissional para auxiliá-lo a compreender melhor um fato inerente a vida do ser humano.

Palavras-chave: Sofrimento psicológico. Morte. Profissionais de saúde e Assistência

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: line_rn@yahoo.com.br

² Professora Mestra. Orientador do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN). E-mail: mariannacarla.lucena@gmail.com

PERCEPTION OF THE PROFESSIONALS OF HEALTH IN FRONT OF THE DEATH OF THE PATIENTS IN HIS CARES: ALTERNATIVES OF PSYCHOLOGICAL INTERVENTION

ABSTRACT

This article is about the conceptions of professionals before the deaths of their patients and possible psychological intervention strategies for these professionals. Death is a theme that involves a set of aspects and that each person has a conception or a symbolic way of understanding it, many do not understand that it is a fact that is part of human development, thus causing some people a risk to negative interpretations and feelings and, consequently affecting those who work in the hospital who lives everyday with the death of their patients to their care. The primary objective is to check alternative psychological assistance available for this demand in healthcare professionals. It is noted that unfortunately there is no allowance for those subjects exposed to the event of the phenomenon of life. This work occurs through a bibliographical survey on the theme, using materials, articles, books and theses, the virtual databases Scielo, Pepsic, Lilacs, PsicoDoc and PsycINFO. As a result, it was possible to identify the importance and necessity of hospital environments to offer a space and/or psychological support to officials, in which the psychologist work together the issue of the emotional structure of this professional to help you better understand a fact inherent in the life of the human being.

Keywords: Psychological suffering. Death. Healthcare and Assistance professional.

1 INTRODUÇÃO

A morte é um fato inerente ao ser humano, que chega sem avisar, podendo ser de forma natural ou provocada. É um tema que intriga muito as pessoas, não necessariamente pela busca da imortalidade e sim por uma juventude plena, com todas as características positivas que vem junto a ela: a beleza, a força, a energia e seus prazeres. Essa representação difere de velhice que muitos têm, que são as rugas, o cansaço, falta de energia, as dores entre outros. Cada pessoa possui

dentro de si uma forma simbólica de entender a morte, e sabendo que é um ser de consciência, diferente dos animais, ele sabe de sua finitude, no entanto procura não enxergá-la como sendo algo que faz parte do desenvolvimento vital, que uma hora ou outra irá acontecer. No ser humano enquanto bebê de meses, quando percebe que sua genitora não é onipresente, ela sente uma sensação de perda ou mesmo luto diante da ausência de sua mãe, apresentando em um pequeno momento uma angústia, a partir disso pode-se considerar uma primeira representação de morte, como ausência, perda, tristeza, solidão, mesmo que momentânea (KOVÁCS, 1992).

Conforme o desenvolvimento humano, este vai conceituando e entendendo o significado da palavra morte e o que vêm junto com ela. O que torna difícil de enfrentá-la é o fato de tentar negá-la, querer fugir de algo que é inerente da sua vida. Algumas crianças, por exemplo, não são explicadas sobre a morte de um ente querido, é contado histórias do tipo, viajou para um lugar muito longe; está com o papai do céu ou os anjos levaram para conhecer o céu, entre outras histórias que os adultos contam para as crianças, achando que estão protegendo-os do sofrimento emocional. Mas os adultos precisam compreender que a não aceitação da morte enquanto adulto vêm muitas vezes da resistência em se falar sobre o assunto na infância, orientá-las de que elas podem passar por esse momento. Consequentemente irão sentir essa perda da maneira delas, de acordo com a sua etapa de desenvolvimento, entender que através das interpretações feitas por essas crianças quando chegam na vida adulta pode se apresentar de forma negativa, afetando muitas vezes esse indivíduo no ambiente de trabalho no qual convive diretamente com a morte, sendo não necessariamente de um familiar ou de um conhecido muito próximo, podendo ser apenas uma pessoa em que você simpatizou e presta cuidados para aliviar sua dor naquele momento que se queixa.

Diante disso o presente trabalho, com a temática “Percepção dos profissionais de saúde diante da morte dos pacientes em seus cuidados”, veio a partir da curiosidade da pesquisadora em entender como os profissionais, com ênfase os de saúde, lidam com a morte de seus pacientes, quando estudam para salvar ou amenizar a dor física e o sofrimento da melhor forma possível. A pertinência do tema é contribuir para que haja uma reflexão e a necessidade de se falar de algo que faz parte do desenvolvimento humano, a morte, chamando a atenção para a necessidade de oferta de espaços de discussão referente ao tema nas matrizes curriculares dos cursos relacionados à saúde. Com isso, desde a

formação já deve-se oferece um espaço para reflexão sobre o tema da morte, contribuindo para que os futuros profissionais lidem da melhor forma esse contexto. Talvez por isso, por não ter uma capacitação diante da morte, torna - se mais difícil para o profissional lidar com o paciente no processo de sua morte.

Durante a formação acadêmica, esses profissionais são capacitados para salvar vidas, por esse motivo a perda fica mais difícil de superar. A morte de um paciente não só influencia o profissional, mas toda a instituição que carrega um prestígio de cura (MOCELIN et al. 2016).

Estes lidam muito próximos da morte, principalmente aqueles que estão no leito do paciente. Desta forma, são mais questionados sobre tratamento, exames, entre outras questões referentes à saúde pelo enfermo e familiares. Por não estarem preparados psicologicamente para enfrentar essa situação, eles reprimem suas emoções deixando a desejar um acolhimento saudável para com o paciente. Assim, acomete de não praticar o ato da autorreflexão sobre suas emoções e consequentemente limitando-se sobre as oportunidades de conseguir trabalhar esse assunto de forma saudável e compreensiva. Hayasida(et al., 2014 *apud* KOVÁCS, 2010) e Rodrigues Lima e Buys (2008).

Estes profissionais estudam para salvar vidas, para aliviar a dor de quem a sofre, muitas vezes não sendo abordado nos cursos preparatórios sobre o tema da terminalidade e perda de seus pacientes. Diante disso, procurar desenvolver um espaço de amparo que seja exclusivo para o profissionais de saúde, auxiliando-os a lidar melhor com a doença do outro, seria uma alternativa para melhorar a atuação humanizada do profissional com seu paciente. Além disso, elaborar um programa de educação baseado na tanatologia, para desenvolver estratégias de melhor enfrentamento de situações de perdas, inerentes à esse campo de trabalho.

O objetivo primordial é verificar alternativas de assistência psicológica disponíveis para essa demanda em profissionais da área de saúde. Pois nota-se que infelizmente ocorre ausência de subsídio para esses sujeitos expostos ao acontecimento do fenômeno da vida. Assim o trabalho será apresentado em 4 seções. O primeiro destaca sobre a percepção de morte pelos profissionais de saúde referida na literatura. O segundo relata sobre os fatores que contribuem para o sofrimento psicológico dos profissionais de saúde diante da morte de seus pacientes. O terceiro menciona sobre as consequências emocionais nos profissionais diante da morte de seus pacientes. O quarto e última sessão retrata

sobre as possíveis alternativas de assistência psicológica para esses profissionais de saúde.

As seções fazem a constituição de um projeto que pretende se estender, não ficar apenas em um levantamento bibliográfico, mas ir a campo, buscar compreender mais a fundo, sobre as reações e sentimentos que acometem esses profissionais, toda vez que perdem uma pessoa aos seus cuidados, dentro do âmbito de trabalho.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma revisão narrativa, um tipo de estudo que visa publicações mais abrangentes no qual tem o objetivo de “descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual” (ROTHER, 2007). A pesquisa levantada foi feita por livros de referência sobre o tema e em artigos da SCIELO, PEPSIC, LILACS, PsicoDoc e PsycINFO, utilizando como palavras chave: sofrimento psicológico, morte, profissionais de saúde e assistência, no período de 7 meses o artigo alcançou sua expectativa de fechamento de um ciclo com êxito. Foram localizados 09 artigos e 2 livros que abordavam a concepção de morte pelos profissionais; apoio psicológico; o sofrimento dos profissionais diante da morte; os sentimentos dos profissionais diante da morte de seus pacientes e necessidade de abarcar uma disciplina na formação dos profissionais, para aprenderem a lidar com suas emoções referente ao processo de morte e morrer de seus pacientes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nessa revisão foram encontrados 09 artigos publicados entre os períodos 2002 e 2017 e dois livros, um de 1992 o outro de 2005. Entre esses artigos lidos, evidenciou a angustia e sofrimento dos profissionais perante a morte dos pacientes em particular os que estavam em seus cuidados, já que durante toda sua formação é direcionada para salvar vidas e/ou minimizar o sofrimento daquele sujeito enfermo. Os resultados sinteticamente exprime promover a importância e necessidade dos ambientes hospitalares de oferecerem um espaço tranquilo e acolhedor aos funcionários, que lidam cotidianamente com a morte de seus pacientes, além disso

disponibilizar de um profissional capacitado para acolhê-los, no caso um psicólogo, no qual ambos possam trabalhar juntos a questão da estrutura emocional do profissional.

Como também, a indispensabilidade de um preparo acadêmico para esse evento, salientando alternativas de resolverem as questões emocionais de uma forma saudável, no qual possam desenvolver uma reflexão e diálogo sem receio do assunto, consequentemente sendo preparados para conviver com este fato sem trazer fortes prejuízos emocionais.

Um outro artigo defende um item importante que retrata o posicionamento das instituições de oferecerem palestras informativos, sobre a temática, a morte e sentimentos abarcados ocasionados por ela. Assim é relevante a instituição dispor de condições e profissionais capacitados para trabalharem efetivamente com essa temática que se faz tão complexa e intensamente negada ou vista como tabu por muitos.

Além disso oferecer suporte para estes profissionais traz resultados de valorização e importância para com eles, obtendo queda de afastamentos e atestados decorrentes de angústia e sofrimento psicológico, como também uma qualidade de serviços entre profissional e paciente.

Os objetivos do estudo trouxe informações bem consistente, no qual esclarece de maneira clara e de fácil compreensão a presença desse olhar holístico e mais humanizado perante a esses profissionais, em que oferece um retorno positivo.

4 PERCEPÇÃO DE MORTE PELOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Os profissionais de saúde aparentemente podem demonstrar mais fortes e/ou frios em relação a morte, por motivo de trabalharem em um ambiente que vêm a ser presente essa situação, assim, fazendo parte da vida cotidiana profissional. Mesmo diante da vivência, no qual muitos consideram não trazer nenhum prejuízo, seja física ou mental, pode-se observar controvérsias de discursos de alguns profissionais, que relatam evitar um maior envolvimento com pacientes que estejam em processo de morrer, que não apresenta mais nenhuma perspectiva de melhora ou cura, devido a autoproteção do profissional de um futuro sofrimento de perda com aquele paciente (FERNANDES; IGLESIAS; AVELLAR, 2009).

Feifel (1967 apud KOVÁCS, 1992) notaram que Através de uma pesquisa realizada não apenas com os sujeitos que trabalham no âmbito hospitalar, mas com outros sem ser da área da saúde, obteve ante a esta, que os profissionais de saúde tinham um maior medo de encarar a morte e que relacionada a isso, eles buscavam de uma certa forma controlar, prolongar ou extinguir a morte. Por isso tanto estudo para salvar vidas.

O médico algumas vezes não se permite conhecer os seus sentimentos em relação à morte, entre os quais: a impotência, a culpa e a raiva. A impotência foi associada à perda dos pacientes, a culpa com o fato de enganá-los e a raiva como decorrência das duas anteriores. O profissional de saúde pode reexperimentar medos infantis de separação, abandono e o medo da sua própria mortalidade (BRUM, 1960 apud KOVÁCS, 1992).

Com este trecho pode-se notar que esses profissionais não necessariamente tem medo da morte em si, mas dos sentimentos que ela acarreta no sujeito, deixando-o vulnerável e impotente para enfrentar de frente certas ocasiões, ficando a desejar seu trabalho deixando assim uma relação delicada e fragilizada, não muito harmoniosa com outros pacientes que necessita de seus cuidados, no qual estes muitas vezes se apega ao cuidador, tendo-o como um amparo emocional, que gosta de conversar e dividir seu sofrimento causado pela doença, porem o cuidador não se encontra preparado para enfrentar uma possível perda novamente de outro paciente, por isso se afasta para tentar se prevenir dos sofrimentos psíquicos. E apesar de fazer parte do cotidiano desses profissionais, eles possuem uma angustia, um sentimento de fracasso, de impotência perante ao paciente (MOCELIN et al., 2016).

A princípio a morte do outrem vem acompanhada com o medo da própria morte, e suas concepções primarias refletem nas noções elementares culturais, que inclui a fase da negação da morte, no qual não irá ser diferente com esses profissionais. A questão cultural também influencia a percepção de morte em relação a faixa etária acometida. Entre as leituras dos artigos, pode-se afirmar isto na justificativa de um profissional de saúde, especificamente um técnico de enfermagem, onde para eles é mais difícil ver a morte de um jovem do que de um idoso, o fundamento seria que os jovens possuem ainda uma longa vida pela frente, “não ter completado o ciclo de vida normal”, isto é representado pela influência da cultura, que remete o jovem como um ser útil em relação a produção e consumo, do

qual seria uma perda significativa para o meio econômico. Mesmo nos dias de hoje os elementos culturais intervêm na vida dos indivíduos, construindo assim uma concepção primária da morte (FERNANDES; IGLESIAS; AVELLAR, 2009).

A morte por caracterizar um fato desconhecido, promove sofrimento, angustia e impotência aos profissionais de saúde, tendo em consideração a falta de preparo em sua formação acadêmica, tornando mais difícil de enfrentar e lidar com este processo (MOTA et al., 2011).

Vendo a partir disso, consegue-se observar a vulnerabilidade psicológica desses profissionais em lidar com um fato no qual a cultura não contribui de forma positiva, e por conseguinte a vida acadêmica também deixa a desejar na formação de seus futuros profissionais, que busca ensinar apenas a relação da promoção, prevenção e cura de seus pacientes, ausenta-se na educação de um fato que é inerente ao ser humano, a morte, ocasionando dessa maneira uma concepção de frustração e incompetência adjunto ao fenômeno.

5 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O SOFRIMENTO PSICOLÓGICO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE DIANTE DA MORTE DE SEUS PACIENTES

Os fatores existentes ao sofrimento psicológico desses sujeitos não surge apenas dentro do âmbito hospitalar, fatores externos também contribui para tal situação. Inicialmente será relatado os fatores que correspondem a esfera de trabalho, no qual constitui boa parte desse conjunto.

O principal fator que corresponde no ambiente hospitalar é o enfrentamento de uma doença ou de morte do paciente. A morte aparece como fator primordial, em razão da falta de preparo agregando inclusive a falta de apoio para lidar com esses pacientes, em que essas razões constituem entre os fatores. Aparece o excesso de responsabilidade por decisões e ações, de forma rápida e precisa sem comprometer a integridade física e moral do paciente, onde muitas vezes tudo isso é cobrado sem ter proporcionado um treinamento antes, ficando de uma certa forma, tanto o profissional como o paciente prejudicados (BOEMER, 1991; RIVETTI, 1993; LAUTERT, 1997b apud BENINCÁ, 2002).

Carga de trabalho excessivo, conjuntamente com alta demanda de pacientes para poder dar conta, em que diversos deles são dependentes, acarretando mais atenção e tempo, provocando muitas vezes desespero por parte do profissional, pelo

fato de obter X pacientes para cuidar e ao mesmo tempo ser capaz de cuidar com qualidade e além do mais, realizar a parte burocrática, que é o prontuário. A baixa remuneração está entre os fatores que desencadeiam o sofrimento psicológico, dado que não é bem remunerado, carecendo de muitos trabalharem em mais de um emprego, aumentando mais sua jornada de trabalho (AVELLAR; IGLESIAS; FERNANDES, 2007)

Os fatores externos representam, a vida familiar do sujeito no qual envolve a questão de convivência com familiares, problemas pessoais; acontecimento de crises situacionais que provoca certo desequilíbrio emocional como alguma perda repentina de um ente querido, uma descoberta de uma doença na família, entre outros; algumas características de personalidade inclui também como fator de sofrimento psicológico, pois a forma como ela padroniza seus pensamentos, sua forma de sentir e agir pode-se acarretar em não aceitar diversas situações que possa surgir na sua frente (BOEMER et al., 1991 apud BENINCÁ, 2002).

Todos estes fatores contribuem para um sofrimento psicológico do profissional de saúde, em que pode afetar de forma e grau diferente em cada indivíduo, dependerá de sua subjetividade e do valor que ele dará para a morte de seu paciente.

6 CONSEQUÊNCIAS DE NÃO SABEREM LIDAR COM A MORTE.

A questão emocional, dentro de um âmbito hospitalar, alusivamente os profissionais de saúde, existe de muitos não demonstrarem sua expressão emocional, por caráter de controlar ou mascarar seus sentimentos, querendo mostrar frieza para os colegas de trabalho, para os pacientes, para os familiares dos pacientes e para eles próprios, não aceitando de maneira nenhuma aceitar ou manifestar “fraqueza” diante da morte.

Como afirma Quintana e Arpini (2002), para que os profissionais consiga essa tal proeza de não demonstrarem sua vulnerabilidade diante da morte, eles remetem na tentativa de poder olhar para o paciente não como uma pessoa, no que consiste em um ser humano igual a ele, mas sim como se estivesse olhando para um objeto, que dispõe de alguma doença grave e que ele é responsável pelo cuidar desse “objeto”.

Os profissionais se auto “boicotam” nesta tentativa, pois acabam

escondendo possíveis sentimentos na sua prática cotidiana no trabalho, mesmo que não manifesto ele permanece no inconsciente, podendo aparecer a qualquer momento da sua vida, principalmente naqueles momentos que mostra-se mais vulnerável em situações difíceis (MOCELIN et al., 2016).

Como foi dito, alguns profissionais não chegam a apresentar algum tipo de agravo emocional consciente. Entretanto apontam um grande potencial em se sentirem fragilizados, com uma forte proporção de ficarem com baixa autoestima, promovendo muitas vezes uma paralisação do sujeito, apresentando dificuldade de agir em uma intercorrência qualquer que venha aparecer com algum paciente, permanece sem reação, alguns se recuperam rápido, outros demoram mais um pouco para retomar a rotina do trabalho, comprometendo assim o vínculo paciente e profissional (BATISTA, 2010).

O enfermo precisa dos cuidados do cuidador, e para que seja algo com sintonia e não comprometa a integridade física e emocional tanto do paciente como do profissional, é necessário o estabelecimento de um vínculo saudável, no qual o cuidador precisa estar em sua total plenitude para poder atender da melhor forma possível, por isso demanda de cuidados também, principalmente psicológicos, a fim de, conseguir estabelecer novos vínculos.

A morte de um paciente, causa aparecimento de muitos sentimentos desagradáveis para o profissional, trazendo consequências emocionais na vida deste sujeito trabalhador de uma forma que alguns se evadem da área da saúde e procuram outra profissão que não gere tanto sofrimento psíquico na realização de seu trabalho. As consequências emocionais aparecem como um ser impotente em enfrentar a morte de perto; faz com que pense na própria morte e de seus familiares, tendo medo, afetando assim a elaboração do conceito de morte de um jeito mais consciente; origina estresse emocional; muitos começam a se isolarem, permanecendo mais acuado, interagindo quase nada tanto entre seus colegas de trabalho, como com os enfermos ali presentes; apercebem como um ser fragmentado, no qual não consegue amparar o outro (MORITZ, 2009).

A morte não está presente apenas no hospital, ela faz parte da existência humana, uma hora ou outra ela chega, sem aviso prévio, por isso a importância de uma educação para a morte desde criança, com o objetivo de não portarem futuramente de um sofrimento psíquico causado pelo fato.

7 ALTERNATIVAS DE ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA AOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Infelizmente na prática não se encontra muitas alternativas de assistência para os profissionais de saúde, no qual enfrentam cotidianamente situações que mexem com seu estado emocional nos seus locais de trabalho. Algumas Instituições veem a necessidade de obter um espaço para os trabalhadores, porém nem todas observam essas possibilidades de acolher e cuidar desses profissionais que acabam sofrendo no ambiente hospitalar, reconhecido como um lugar “insalubre, penoso e perigoso para trabalhar” (MORETTO et al., 2013).

As condições de trabalho dos profissionais de saúde “suscita sentimentos muito fortes e contraditórios”, que abalam o profissional de uma maneira que até mesmo em casa não conseguem se desligar dos sentimentos gerados no ambiente de trabalho. Através disso o autor traz algumas possibilidades que possam promover uma saúde mental para esses trabalhadores. Ele revela primeiramente a questão da inclusão da dimensão psicológica ainda na formação dos estudantes de saúde, em que eles apenas aprendem a curar ou minimizar a doença do paciente, mas não são preparados desde a formação a dimensão psicológica que o ser humano possa enfrentar no seu dia a dia principalmente os estudantes da área da saúde. Outro ponto interessante, ainda referindo-se na formação, é obterem uma disciplina em que se apropriem de um espaço para entrar em contato com seus próprios sentimentos e emoções, um lugar em que priorizem uma reflexão sobre as possíveis situações que pode aparecer em sua jornada profissional e terem um espaço para trocas de experiências e reflexão. Até aqui o autor conduz uma assistência primordialmente deste a formação dos futuros profissionais, para que quando enfrentarem de frente uma situação real, como a morte, não entrem em estado de sofrimento psíquico (NOGUEIRA - MARTINS, 2003)

Já a assistência para os profissionais já formados, atuantes na área, em seu próprio local de trabalho é difícil encontrar algum acolhimento, existe sim afastamento ou demissão dos funcionários que não conseguem lidar com a situação e preferem se afastar para não comprometer seu estado psíquico cada vez mais.

Apesar de vários autores em suas pesquisas revelarem a necessidade de criar um grupo de apoio para esses sujeitos, na prática é difícil ver essa possibilidade nas instituições. A mesma intervenção que o autor Moretto (2013) diz

respeito na formação dos estudantes, na prática de assistência, outros autores compreende a necessidade de uma assistência dentro da instituição, baseado nessas mesmas práticas.

É indispensável se ter um espaço para os profissionais de saúde, em que possam ir em um momento de angústia, da morte de um paciente entre outras questões que desampare aquele profissional, procurar esse espaço para expor suas emoções, seus sentimentos, para poderem refletir com outros colegas e com um profissional, o psicólogo, mais capacitado para acolher aquele funcionário, ajudando-o a compreender de forma mais clara, um fato que faz parte da existência humana, e que precisam aprender a perceber isso, para tornar essa vivência de perdas no ambiente de trabalho menos sofrível. Algo de grande importância que pode-se salientar é a ideia das instituições oferecerem palestras que abordem a questão de como saber lidar com a morte dos pacientes sem gerar sofrimento psicológico aos cuidadores; ofertar debates entre os profissionais sobre o processo “viver e morrer”, são intervenções que apresentam ser eficazes e conseqüentemente econômica, com isso propiciam um suporte psicológico adequado e vantajoso para os funcionários do hospital (BENINCÁ, 2002).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificando inicialmente qual a concepção dos profissionais diante da morte, contribui para uma percepção mais clara sobre as conseqüências geradas pela má compreensão deste evento, podendo interferir no seu desenvolvimento pessoal e profissional. Sendo notado que essas conseqüências são construídas desde a infância, no qual os adultos evitam de dialogar sobre a morte com as crianças, pensando em estar protegendo-as do sofrimento, ocasionando assim uma certa limitação de poderem enfrentar de frente um fato que faz parte do ser humano.

Contudo, concedeu a acadêmica envolvida uma concepção mais ampliada sobre o assunto, enfatizando a relevância do papel do psicólogo no âmbito hospitalar, em um processo de necessidade e acolhimento aos profissionais de saúde que ali trabalham, podendo ouvir sem julgar suas emoções e sentimentos ali presentes e auxiliando-os a lidarem de modo saudável, não apenas com o aspecto em que trata este trabalho, a morte, e sim com diversas outras questões relacionados ao ofício da profissão.

Com isso, a intervenção psicológica é essencial para cuidar de quem cuida, pois conclui-se que os profissionais obtendo uma saúde mental saudável, com suas emoções, sentimentos e pensamentos amparados, torna-se mais leve e satisfatório trabalhar em um ambiente que abarca aspectos emocionais em todos os lados.

Além disso proporcionar um esclarecimento para estes profissionais sobre o fato que lidam cotidianamente no seu ambiente de trabalho, a morte de seus pacientes, possam exercer sem prejuízo suas funções de cuidado com o outro e consequentemente obtendo um cuidado com si próprio.

REFERÊNCIA

AVELLAR, Luziane Zacché; IGLESIAS, Alexandra; FERNANDES, Priscila Valverde. Sofrimento psíquico em trabalhadores de enfermagem de uma unidade de oncologia. **Psicologia em estudo**, v. 12, n. 3, p. 475-481, 2007.

BATISTA, Ana Cláudia de Farias. **Os sentimentos da equipe de enfermagem diante da morte de crianças e adolescentes hospitalizados: uma revisão integrativa**. 2010. 35 f. Monografia (Graduação – Enfermagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

BENINCÁ, Ciomara Ribeiro Silva. **Apoio psicológico à enfermagem diante da morte: estudo fenomenológico**. 2002. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

FERNANDES, Priscila Valverde; IGLESIAS, Alexandra; AVELLAR, Luziane Zacché. O técnico de enfermagem diante da morte: concepções de morte para técnicos de enfermagem em oncologia e suas implicações na rotina de trabalho e na vida cotidiana. **Psicologia, teoria e prática**, v. 11, n. 1, 2009.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Júlia. Sofrimento da equipe de saúde no contexto hospitalar: cuidando do cuidador profissional. **O mundo da saúde**, v. 34, n. 4, p. 420-429, 2010.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MAGALHÃES, Marília Vieira; MELO, Sara Cristina de Assunção. **Morte e luto: o sofrimento do profissional da saúde.** 2015. Disponível em: <<https://psicodebate.files.wordpress.com/2014/12/5-magalhc3a3es-melo-2015.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MOCELIN, Dianas et al. Processos psicológicos dos profissionais da saúde perante a morte de um paciente. **Vittalle: revista de ciências da saúde**, v. 26, n. 1, p. 11-20, 2016.

MORETTO, Maria Lívia Tourinho et al. " Cuidando de quem cuida": assistência psicológica ao trabalhador da saúde. **Psicologia Hospitalar**, v. 11, n. 1, p. 52-65, 2013.

MORITZ, Rachel Duarte. Os profissionais de saúde diante da morte e do morrer. **Revista Bioética**, v. 13, n. 2, 2009.

NOGUEIRA-MARTINS, Luiz Antonio. Saúde mental dos profissionais de saúde. **Rev Bras Med Trab**, v. 1, n. 1, p. 56-68, 2003.

QUINTANA, Alberto Manuel; ARPINI, Dorian Mônica. A atitude diante da morte e seu efeitos no profissional da saúde: Uma lacuna da formação. *Revista Psicologia Argumaneto- Champagnat*. nº30, pag. 45/50. Abr. 2002.

RODRIGUES LIMA, Vanessa; BUYS, Rogério. Educação para a morte na formação de profissionais de Saúde. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 3, 2008.

ROTHER, Edna Terezinha. Systematic literature review X narrative review. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SANTA ROSA, Danielle Souza; COUTO, Selma Aleluia. O enfrentamento emocional do profissional de enfermagem na assistência ao paciente no processo da terminalidade da vida. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 4, n. 1, 2015.